



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
PORTUGAL

do INE

DESTAQUE

Informação à
Comunicação Social

3 de Fevereiro de 2000

TIPOLOGIA SÓCIO-ECONÓMICA DA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA



Introdução

Este estudo procura caracterizar as estruturas territoriais na Área Metropolitana de Lisboa, sendo o seu objectivo principal a obtenção de uma tipologia sócio-económica das subsecções estatísticas.

A relevância deste estudo é reforçada pelo seu carácter pioneiro no que respeita à análise e apresentação de dados a uma escala geográfica tão fina como a subsecção estatística¹.

¹ Pequena área homogénea de construção ou não, existente dentro da secção estatística (área contínua de uma única freguesia com cerca de 300 alojamentos destinados à habitação) correspondente ao quarteirão nas áreas urbanas e ao lugar nas áreas rurais.

Este trabalho, baseado em informação de 1991, ano do último recenseamento, constituirá certamente um quadro de referência para o estudo das dinâmicas territoriais na Área Metropolitana de Lisboa, logo que seja possível efectuar uma análise similar com base nos resultados dos Censos 2001.

A presente publicação é acompanhada por um CDROM que, para além abarcar todo o seu conteúdo, inclui um instrumento de análise de cartogramas que permitirá ao utilizador uma apreciação mais detalhada e pormenorizada de zonas específicas deste território. Pretende-se que a relação de complementaridade entre a publicação e o CDROM potencie a contribuição deste estudo para a compreensão das dinâmicas territoriais metropolitanas.

A Metodologia

Para a construção desta tipologia foram utilizados 20 indicadores compósitos, que procuram sintetizar a máxima informação proveniente dos Censos 91, única fonte estatística disponível a este nível de desagregação geográfica (informação disponível não publicada), cobrindo quer a caracterização do parque habitacional, quer a caracterização sócio-económica da população residente. Apesar da relativa desactualização dos dados a oportunidade do estudo não é significativamente afectada, na medida em que a comparabilidade intercensitária - com a informação dos Censos a realizar em 2001 - é outro dos seus principais objectivos.

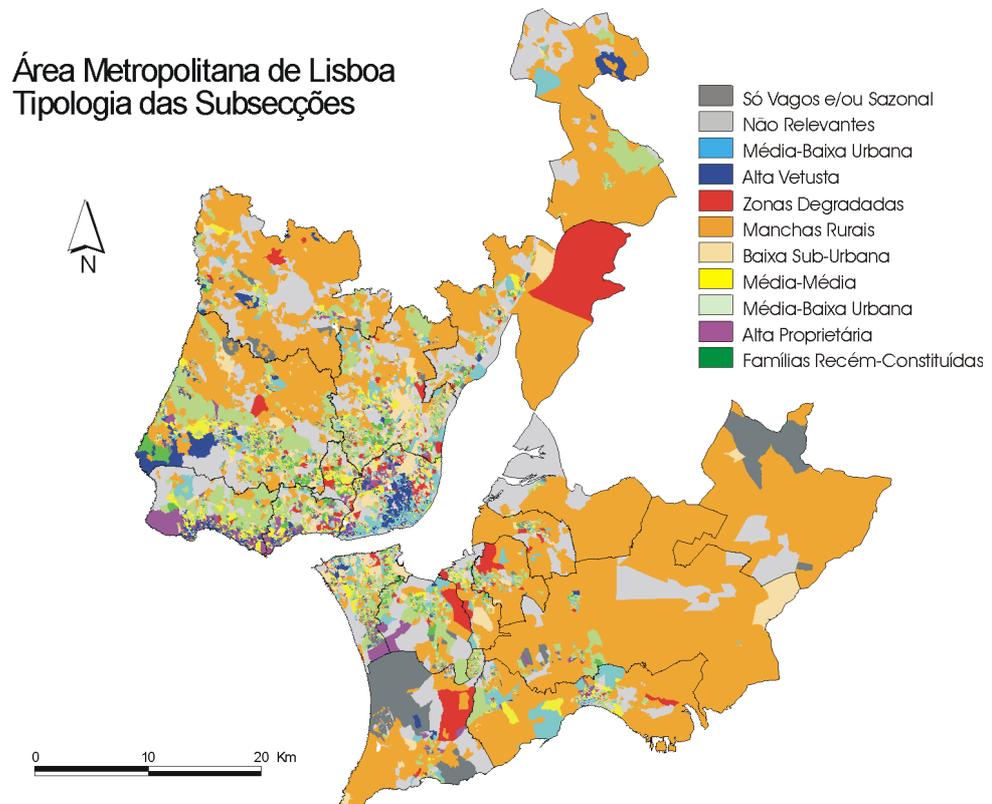
A técnica adoptada para a elaboração destas tipologias é composta por duas fases distintas e encadeadas. Numa primeira fase, executou-se uma análise factorial sobre um conjunto de indicadores, com o intuito de obter um número relativamente reduzido de factores (novas variáveis, que sintetizam a maior parte da informação inicial). Posteriormente, procedeu-se a uma classificação das subsecções com base nestes factores, com o objectivo de construir classes de subsecções o mais homogéneas possível.

Desta forma, estas classes (*clusters*) representam padrões de comportamento dos indivíduos em estudo (subsecções) relativamente aos indicadores seleccionados.

Os resultados dessa classificação foram depois reportados para um Sistema de Informação Geográfica (SIG), onde se atribuiu a cada padrão entretanto definido uma cor. Esta georeferenciação das tipologias facilita a análise visual dos resultados obtidos.

O objectivo final destas tipologias é, pois, o de sintetizar ao máximo a informação disponível relativa ao tema, por forma a que o leitor possa apreender de forma clara e concisa os vários padrões sócio-económicos na área em estudo.

A Tipologia



Seguidamente apresenta-se uma breve caracterização das classes.

Classe 1 – Média-Baixa Urbana

- zonas dos edifícios mais antigos com altimetria relativamente baixa (correspondendo regra geral aos centros históricos)
- estrutura de população envelhecida
- a mais baixa dimensão média da família
- proporção de população empregada bastante baixa (muitos reformados)
- população activa relativamente terciarizada (ligeiramente acima da média), sem que isso corresponda a fortes habilitações académicas ou a grande proporção das classes sócio-profissionais mais favorecidas (abaixo da média)
- utilização de veículo claramente abaixo da média (ao mesmo nível que a classe Média-Baixa Suburbana)
- apresenta, excluindo as Zonas Degradadas e as Manchas Rurais, o indicador de conforto dos alojamentos menos favorável, se bem que estes estejam perto da média quanto à sua dimensão (número de divisões)
- alojamentos maioritariamente alugados, com renda média muito baixa
- a maioria dos alojamentos que são propriedade dos próprios estão pagos, sendo dos mais baixos os encargos que pesam sobre os restantes
- a segunda mais alta taxa de fixação (pessoas com baixa taxa de mobilidade inter-concelhia, permanecendo regra geral no concelho em que nasceram)

Classe 2 – Alta Vetusta

- zonas favorecidas mas envelhecidas
- estrutura de população envelhecida
- edifícios antigos, com uma altura média de cerca de cinco pisos
- alojamentos com maior nº de divisões do que na classe Média-Baixa Urbana
- bom indicador de conforto da habitação
- maior utilização de veículo do que na classe Média-Baixa Urbana
- maior proporção de classes sócio-profissionais mais favorecidas do que na classe Média-Baixa Urbana
- o segundo maior nível de habilitações académicas, a seguir à classe Alta Proprietária
- população activa com o maior grau de terciarização (a par da classe Alta Proprietária)
- taxa de actividade relativamente alta face à média etária
- é a classe menos residencial (zonas com comércio, escritórios, etc.)
- proporções de alojamentos arrendados e propriedade dos residentes similares à classe Média-Baixa Urbana, mas com rendas e encargos médios ligeiramente superiores;
- a população desta classe tem custos com a habitação bastante abaixo das suas possibilidades, sendo de facto das que mais beneficia de rendas antigas, sobretudo quando considerada a dimensão dos alojamentos

Classe 3 – Zonas Degradadas

- zonas de habitação mais desfavorecida (incluindo barracas) e exclusivamente residenciais (não existe comércio ou escritórios)
- o pior indicador de conforto dos alojamentos
- elevada dimensão da família, embora com grande variabilidade
- uma das mais baixas médias etárias
- a mais baixa taxa de utilização de veículo
- o menor número de divisões
- o mais baixo nível de habilitações académicas
- relativamente à estrutura da população activa por ramos de actividade, esta classe situa-se próxima da média

Classe 4 – Manchas Rurais

- edifícios de um só piso
- claramente o menor indicador de terciarização
- é a classe com maior importância relativa quer do sector primário, quer do secundário
- média etária próxima da média global, bem como a idade dos edifícios
- fraco indicador de conforto das habitações
- número de divisões perto da média
- utilização de veículo acima da média
- a maior parte dos alojamentos são propriedade dos residentes e encontram-se pagos
- nível de habilitações académicas bastante abaixo da média
- proporção muito abaixo da média no que toca às classes sócio- profissionais mais favorecidas
- a mais alta taxa de fixação, ou seja: baixa mobilidade dos moradores, que regra geral sempre ali viveram

Classe 5 – Baixa Suburbana

- zonas de periferia urbana, quase exclusivamente residenciais, habitadas por grupos desfavorecidos que configuram um proletariado suburbano, semelhante em muitos aspectos sócio-económicos aos grupos das Manchas Rurais
- o indicador de terciarização, porém, é mais elevado nesta classe do que nas Manchas Rurais
- as habitações são, em regra, arrendadas
- entre os proprietários, é baixa a proporção de alojamentos já integralmente pagos
- tanto as rendas, como os encargos com a propriedade da habitação, situam-se abaixo da média
- utilização de veículo abaixo da média
- média etária abaixo da média
- dimensão da família acima da média

Classe 6 – Média-Média

- zonas de classe média, constituídas pelo crescimento na orla dos centros urbanos (tal como, aliás, a classe Média-Baixa Suburbana)
- a idade média dos edifícios, porém, é superior à da classe Média-Baixa Suburbana
- os indicadores sócio-económicos (nível de habilitações e presença das classes sócio-profissionais mais favorecidas) apresentam melhor nível do que na classe Média-Baixa Suburbana
- também o indicador de terciarização é mais forte do que na classe Média-Baixa Suburbana
- a média etária dos residentes encontra-se nesta classe acima da média da AML
- a dimensão da família é inferior à média
- rendas abaixo da média e de fraca variabilidade
- posicionamento próximo da média nas restantes variáveis

Classe 7 – Média-Baixa Suburbana

- parecida sob muitos aspectos com a classe Média-Média, distingue-se dela sobretudo pelo seu carácter de habitat mais disperso, por uma construção mais recente e por um número de pisos regra geral ligeiramente mais baixo, bem como por se tratar de zonas quase exclusivamente residenciais
- população mais jovem do que a média
- dimensão da família acima da média
- a maior parte dos alojamentos pertencem aos próprios, estando a proporção de alojamentos pagos na média global, bem como as rendas e encargos
- apresenta a mais alta incidência de famílias convencionais (a par das Famílias Recém-Constituídas)

Classe 8 – Alta Proprietária

- zonas mais favorecidas – assemelhando-se sob esse aspecto à classe Alta Vetusta, mas com a diferença de apresentar uma estrutura etária bastante mais jovem (regra geral ligeiramente abaixo da média global)
- apresenta os melhores valores no que se refere às instalações no alojamento, ao número médio de divisões, à presença das classes sócio-profissionais mais favorecidas, à utilização de veículo próprio e às habilitações académicas
- forte grau de terciarização
- edifícios recentes com elevado número médio de pisos (embora com forte variabilidade a este respeito) e destinados quase exclusivamente a fins residenciais
- uma das maiores proporções de alojamentos propriedade dos ocupantes (à semelhança da classe das Famílias Recém-Constituídas, mas com muito maior proporção de alojamentos já pagos)
- apesar de dizerem respeito a relativamente poucos alojamentos, os encargos com a propriedade e as rendas são dos mais elevados

Classe 9 – Famílias Recém-Constituídas

- padrão de habitação claramente jovem, com prédios recentes localizados em zonas recém-urbanizadas
- a mais baixa média etária, bem como a mais baixa idade média dos edifícios
- nº médio de pisos dos mais elevados (tal como na classe Alta Proprietária, mas com menor variabilidade)
- um dos menores níveis de residencialidade (edifícios com outras utilizações para além da habitação)
- apresenta a maior proporção de alojamentos do próprio, sendo que a maioria ainda não estão pagos
- os encargos com a propriedade do alojamento são dos mais altos (só comparáveis com os da classe Alta Proprietária, cujos membros, porém, têm maior facilidade em suportar tais encargos)
- as rendas, apesar do seu carácter residual, são das mais caras
- dimensão da família próxima da média
- a mais baixa taxa de fixação (famílias formadas por indivíduos oriundos de outros concelhos)
- a mais alta percentagem de população empregada
- posicionamento médio no que diz respeito aos indicadores sócio-económicos (utilização de veículo, habilitações académicas, importância relativa das classes sócio-profissionais mais favorecidas, número de divisões)